
AFETAR E SENSIBILIZAR: UMA PROPOSTA DA TRANSVERSALIDADE NA EDUCAÇÃO

AFFECT AND PROMOTE AWARENESS: A PROPOSAL FOR TRANSVERSALITY IN EDUCATION

Maria Jady Oliveira¹
Vitória Lemos de Carvalho²
Rosa Maria Farias Tenório³

¹Graduanda em História pela Universidade Estadual de Pernambuco (UPE). A partir de 2020, graduanda do curso de História do Centro Universitário Sagrado Coração, Bauru/SP.

²Graduanda em História pela Universidade Estadual de Pernambuco (UPE).

³Professora Me Rosa Maria Farias Tenório. Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (2013) e Componente da Câmara de Graduação da Universidade de Pernambuco (UPE).

Recebido em: 02/04/2020

Aceito em: 29/05/2020

OLIVEIRA, Maria Jady, CARVALHO, Vitória Lemos de e TENÓRIO, Rosa Maria Farias. Afetar e sensibilizar: uma proposta da transversalidade na educação. *MIMESIS*, Bauru, v. 41, n. 1, p. 65-78, 2020.

RESUMO

Vivemos em uma sociedade marcada por diversos desafios no âmbito educacional: a falta de interesse dos alunos, monotonia das aulas que acabam por desgastar professores e estudantes e a falta de interação entre o corpo docente. Tais situações não devem ser vistas como problemas, mas como desafios a serem cumpridos. Diante destas dificuldades, abordamos o tema da afetividade e subjetividade como forma de interpretar diversas realidades e transformar a educação utilizando um método transversal de ensino, que visa a participação e interação entre professor e aluno na construção da educação focada na realidade social de cada escola. A promoção da transversalidade

é uma proposta desafiadora, mas, nos permite alcançar melhores resultados no desempenho e qualidade de ensino em nossas escolas. O corpus analisado foi coletado a partir de experiências pessoais do nosso cotidiano em sala de aula durante o Projeto de Incentivo e Bolsa de iniciação à Docência- PIBID, além da opinião dos estudantes sobre o tema. Defendemos que o espaço escolar é um ambiente a ser desenvolvido e desmistificado à medida que grandes mudanças devem ser feitas através de pequenos atos que podem ser realizados no dia a dia do professor e do aluno. Para tal, temos como base a pedagogia *Freiriana* na busca de uma resposta adequada à melhora do sistema educacional brasileiro. Esta experiência foi vinculada à Universidade de Pernambuco, Campus Garanhuns, e o projeto realizado na escola João de Assis Moreno, na cidade de São João, em Pernambuco. A supervisão ficou sob a responsabilidade das coordenadoras, professoras Mestre Rosa Maria Farias Tenório e professora Dejacira de Araujo Bezerra.

Palavras-chave: Educação. Afetividade. Subjetividade. Ensino. Transversalidade.

ABSTRACT

We live in a society characterized by several challenges in the educational field: the lack of interest of students, the monotony of classes that end up exhausting teachers and students, and the lack of interaction between the faculty members. Such situations should not be seen as problems, but as challenges to be fulfilled. Given these difficulties, we address the subject of affectivity and subjectivity as a way to interpret different realities and transform education by practicing a transversal teaching method that aims at the participation and interaction between teacher and student in the construction of an education focused on the social reality of each school. The promotion of transversality is a challenging proposal, but it allows us to achieve better results in the performance and quality of teaching in our schools. The corpus analyzed was collected from personal experiences of our daily lives in the classroom during the Institutional Scholarship Program to Teaching Initiation (PIBID), in addition to the students' opinions on the topic. We claim the school space is an environment to be developed and demystified as great changes must be conducted through small acts that can be performed in the daily lives of teachers and students. Considering this, we have the Freirian pedagogy as a support in the search for an adequate

OLIVEIRA, Maria Jady, CARVALHO, Vitória Lemos de e TENÓRIO, Rosa Maria Farias. Afetar e sensibilizar: uma proposta da transversalidade na educação. MIMESIS, Bauru, v. 41, n. 1, p. 65-78, 2020.

OLIVEIRA, Maria Jady,
CARVALHO, Vitória
Lemos de e TENÓRIO,
Rosa Maria Farias. Afetar e
sensibilizar: uma proposta
da transversalidade na
educação. MIMESIS,
Bauru, v. 41, n. 1,
p. 65-78, 2020.

response to the improvement of the Brazilian educational system. This experience was linked to the Universidade de Pernambuco, Campus Garanhuns, and the project carried out at the João de Assis Moreno school, in the city of São João in Pernambuco. The coordinators responsible for the supervision were Prof. M.A. Rosa Maria Farias Tenório and Prof. M.A. Dejacira de Araujo Bezerra.

Key-words: Education. Affectivity. Subjectivity. Teaching. Transversality.

INTRODUÇÃO

Todo ser humano é dotado de afetividade e subjetividade, ambas qualidades o influenciam e o fazem construir sua visão de mundo. A afetividade constrói o laço que une as relações entre cada ser e facilita sua capacidade de compreensão e interação nas relações interpessoais. A subjetividade é responsável pela forma de interpretar essas relações afetivas. Sendo assim, todos nós, ao nos relacionarmos com outras pessoas, formamos um perfil que determinará nossa interação com as mesmas, isso se aplica a todas as relações interpessoais, inclusive e principalmente no ambiente escolar, onde acontecem as primeiras interações do indivíduo com a sociedade fora do âmbito familiar. Contextualizamos em um primeiro momento o conceito de representação e imagem que nos ajudarão a compreender a individualidade de cada estudante e nossa responsabilidade quanto ao pensar do aluno como ser ativo e construtor de sua autonomia na sociedade. Posteriormente, interligamos o desenvolvimento dos conceitos anteriores ao tema da afetividade e subjetividade – pode-se dizer os temas centrais de nossa pesquisa – onde desenvolvemos uma reflexão crítica quanto ao papel do professor na arte de mudar pensamentos, realidades, imagens e representações dos alunos sobre os mais diversos assuntos do nosso cotidiano. A proposta desafiadora desta pesquisa é abordar estes temas que estão intimamente ligados à nossas diferentes realidades. No nosso trabalho como educadores é necessário entender e saber interpretar as personalidades e distintos contextos de vida de nossos educandos, para que possamos ter uma melhor interação e compreensão dos nossos alunos. O professor precisa trabalhar a afetividade e subjetividade junto com seus estudantes para que estes desenvolvam melhor sua capacidade de interação interpessoal e de aprendizagem, para isso, se faz necessário trabalhar com o olhar voltado para as necessidades do aluno e não apenas usar a teoria didática no ato de educar. Se trabalhamos apenas com o livro

didático, estaremos alfabetizando, mas não entregando humanidade aos nossos alunos. Nosso pensar está de acordo com Freire (1998, p. 58), “Nunca me foi possível separar em dois momentos o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos”.

Pensando nessa proposta de libertação conteudista, abordamos também o conceito de uma educação transversal, na qual o professor tem uma nova proposta de trabalhar em sala de aula os temas tradicionais aos olhos das realidades atuais do mundo contemporâneo e do meio social em que os alunos vivem, tendo assim um melhor resultado participativo e desenvolvimento da aprendizagem. Infelizmente, de acordo com Freire (2001, p. 36), “Atualmente, não se entende mais a educação como formação, mas apenas como treinamento.” Entendemos que há múltiplas respostas pedagógicas para melhorarmos a qualidade de ensino em nosso país. Através deste artigo, tentaremos evidenciar algumas propostas observando-se nossa experiência em sala de aula e como o ato de educar continua a ser tão belo quanto desafiador.

SUBJETIVIDADE DA REPRESENTAÇÃO: QUAL NOSSA IMAGEM DE MUNDO?

O conceito de representação é um campo aberto a cada indivíduo, engloba toda a tradução e interpretação mental de uma realidade exterior percebida (LAPLANTINE, 2003) de modo a englobar a subjetividade de olhar o mundo, codificá-lo e, posteriormente, interpretá-lo. É muito importante para nós, educadores, compreendermos determinados conceitos para melhor assimilação do que nossos alunos pensam, ou melhor, do que cada aluno pensa. No mundo da representação, existe a construção individual da imagem, a imagem que cada pessoa projeta sobre determinados objetos físicos ou sociais específicos e define o seu olhar e sua expectativa sobre o professor, a matéria ou o ambiente escolar. De acordo com Laplantine (2003, p. 10),

Imagens são construções baseadas nas informações obtidas pelas experiências visuais anteriores. Nós produzimos imagens porque as informações envolvidas em nosso pensamento são sempre de natureza perceptiva. Imagens não são coisas concretas, mas são criadas como parte do ato de pensar. Assim a imagem que temos de um objeto não é o próprio objeto, mas uma faceta do que nós sabemos sobre esse objeto externo.

Entende-se como objeto, o físico – os materiais – e o social. Su-

OLIVEIRA, Maria Jady, CARVALHO, Vitória Lemos de e TENÓRIO, Rosa Maria Farias. Afetar e sensibilizar: uma proposta da transversalidade na educação. MIMESIS, Bauru, v. 41, n. 1, p. 65-78, 2020.

OLIVEIRA, Maria Jady,
CARVALHO, Vitória
Lemos de e TENÓRIO,
Rosa Maria Farias. Afetar e
sensibilizar: uma proposta
da transversalidade na
educação. MIMESIS,
Bauru, v. 41, n. 1,
p. 65-78, 2020.

ponhamos o livro didático como objeto físico, é claro a importância do material didático na formação do aluno, mas concordamos que o livro nos oferece palavras a serem codificadas. Quem as codifica? O objeto social que seria representado pelo professor. O professor tem o que é concreto – o livro – mas o concreto não tem vida sem o pensar, o refletir, o comunicar e especialmente, o ensinar do professor. Então a responsabilidade de comunicação deve ser pensada de forma mais séria por cada um de nós. Os alunos querem vida, esperança e compreensão de forma que apenas o objeto material não pode oferecer-se sozinho no ato pedagógico consciente. Essa percepção está de acordo com o pensamento de Freitas (2003, p. 71),

Como o maior recurso dos professores ainda continua sendo o livro didático, estes, com raríssimas exceções, apresentam-se dessa ordem de divisão do conteúdo de História. O problema é quando o professor não planeja seu conteúdo e trabalho, mas segue fielmente a divisão capitular do livro didático, ficando distante dos alunos e sua vivência, inviabilizando propostas de renovação do ensino.

Qual seria a imagem de nossos alunos na atualidade sobre a educação? Qual seria a imagem dos alunos sobre sua própria capacidade de aprender e crescer profissionalmente? No nosso exercício inicial como professoras, mesmo com tão pouca experiência, nos perguntamos constantemente qual o nosso papel em sala de aula e o que teremos a oferecer a mais aos nossos alunos além da teoria do livro didático. “Falamos de pensar e viver uma educação do mesmo modo que um artista vive sua arte” (MAGALHÃES, 2011, p. 4), ou seja, nossas práticas educativas devem ser permeadas por simpatia, respeito, solidariedade e compreensão ao outro. Valorizar nossos estudantes é a chave para um desenvolvimento não apenas curricular, mas humano. Em um mundo de crises, decidamos por sermos artistas do nosso eu, e decidamos por projetar essa apreciação aos nossos alunos. A proposta do tema é permitir um encontro ao conceito de realidade para cada aluno, de forma a torná-lo, aos olhos do professor, como capaz e agente transformador de si próprio. Quais as imagens anteriores formadas por eles em sala de aula? Ou qual a imagem construída anteriormente sobre o ensino da História? Apresentar uma nova imagem sobre o nosso trabalho, com certeza representa uma ótima oportunidade para estimular o interesse dos estudantes. Segundo Gadotti, (2011, p. 60):

Nós, seres humanos, não só somos seres inacabados e incomple-

tos como temos consciência disso. Por isso precisamos aprender “com”. Aprendemos “com” porque precisamos do outro, fazemo-nos na relação com o outro, mediados pelo mundo, pela realidade em que vivemos.

O novo profissional da educação precisa entender que o processo de aprendizagem não é neutro. Devemos nos apropriar da realidade, não só dela, mas do real. Segundo Laplantine (2003, p. 12), “o real é a interpretação que os homens atribuem à realidade”. Não devemos ser neutros sobre o que acontece ao nosso redor, é preciso falar sobre isso e transformar a maneira com que nossos alunos pensam. Compreender a representação de mundo de nossos alunos, a nossa própria e agir com criticidade à realidade apreendida em nossa sociedade com certeza representará uma melhor educação para os nossos estudantes.

A SENSIBILIZAÇÃO DO ALUNO COMO CAMINHO PARA O CONHECIMENTO

Como citado anteriormente, é importante que o professor se torne um ser ativo capaz de compreender a realidade de seus alunos de forma abrangente. Fato é que cada estudante vem de uma realidade de vida diferente e isso deve ser observado pelo professor em sala de aula. De acordo com MARX (1989, p. 35),

E se, em toda ideologia os homens e suas relações aparecem invertidos como numa câmara escura, tal fenômeno decorre de seu processo histórico de vida, do mesmo modo por que a inversão dos objetos na retina decorre de seu processo de vida diretamente físico.

A visão materialista dos fatos não é uma novidade na leitura de Karl Marx. Esse trecho em particular se encaixa em nossa discussão inicial de forma a evidenciar o processo histórico de vida, das relações sociais e do meio social como essenciais para a construção individual de cada pessoa. Qualquer tipo de ideologia não tem forma se os homens não a transformam de acordo com sua vida. “Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (MARX, 1989, p. 35). Não podemos tratar uma sala de aula de forma igualitária quanto aos seus alunos. Conhecer cada indivíduo por meio do dia a dia em sala de aula, com toda certeza nos revela gênios na matemática, artistas em potencial, contadores

OLIVEIRA, Maria Jady, CARVALHO, Vitória Lemos de e TENÓRIO, Rosa Maria Farias. Afetar e sensibilizar: uma proposta da transversalidade na educação. MIMESIS, Bauru, v. 41, n. 1, p. 65-78, 2020.

OLIVEIRA, Maria Jady,
CARVALHO, Vitória
Lemos de e TENÓRIO,
Rosa Maria Farias. Afetar e
sensibilizar: uma proposta
da transversalidade na
educação. MIMESIS,
Bauru, v. 41, n. 1,
p. 65-78, 2020.

de história ou cientistas brilhantes. Eles estão lá a serem descobertos por nós. Fazer uma sala de aula dar certo significa valorizar cada indivíduo por sua individualidade e potenciais a serem desenvolvidos. Eles são nossos futuros protagonistas. Além das potencialidades, os estudantes nos revelam no dia a dia seus problemas, angustias e dificuldades, e o que fazemos quanto a isso? Como professores, temos algo a oferecer às nossas crianças: o conhecimento. Mas não é o aprender pelo aprender, temos que dar significado, identificação e contextualizar nossa teoria à realidade como cita Alves (2002, p. 3): “O corpo aprende para viver. É isso que dá sentido ao conhecimento. O que se aprende são ferramentas, possibilidades de poder. O corpo não aprende por aprender. Aprender por aprender é estupidez.”

O que podemos oferecer aos nossos alunos são ferramentas para pensar sua realidade e modificá-la. O professor atual deve ter em mente que deve não apenas ensinar o texto, mas também o contexto (GADOTTI, 2011). A identificação do aluno com o assunto comunicado faz toda a diferença na aprendizagem da criança. Não existe aluno que não possa ser afetado pelo professor. A sensibilização vem a partir da compreensão de que mais do que “simples” alunos matriculados, trabalhamos com seres humanos dotados de sonhos, desejos, anseios e medos. Como enfatiza Wallon (1971, p. 51), “A afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas têm funções bem definidas e, quando integradas, permitem ao sujeito atingir níveis de evolução cada vez mais elevados”.

A afetividade deve caminhar em conjunto com a inteligência; a problemática que faz com que muitas salas de aula continuem “emperradas” no seu desenvolvimento é justamente a falta da afetividade. Compreender nossos alunos como seres humanos é mais que fundamental. A sensibilização vem por meio da contextualização com o cotidiano dos estudantes. Nessa linha de raciocínio, se iremos ensinar em uma escola rural, não iremos ensinar da mesma forma que em uma escola urbana. Os alunos precisam se sentir presentes na conversa e serem estimulados a comentar com seus próprios exemplos em sala de aula. Cria-se a partir daí uma relação produtiva entre aluno e professor. O professor pode aprender com seus alunos, gerando um grande estímulo positivo ao ato de continuar em contato com a realidade de seus educandos e os alunos, por sua vez, criam confiança e sentem empatia pelo professor que compreende o que está ocorrendo a sua volta. O ato de educar precisa ser considerado como um bom desafio para o professor. Não é nada fácil compreender em nossos dias atuais os nossos alunos. Muitos têm como prioridade sua atenção em outros meios – principalmente

os digitais –, mas é para isso que a sensibilização chega como possibilidade de mudar essa realidade. Essas afirmações estão de acordo com Freire (1997, p. 96),

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

O bom professor envolve seus alunos tão intimamente no conteúdo que está transmitindo que estes não desejam estar em outro lugar senão ali, ouvindo e aprendendo, mas é somente a partir desse processo de sensibilização que este professor conseguirá ter uma conexão com o pensar de seus alunos e despertá-los para o desejo de conhecimento. Esta é a real atribuição de ser professor, estimular mudanças reais nos nossos alunos por meio da sensibilização. Esse ato, seguramente, promoverá significativas mudanças na educação brasileira. A educação de nossos sonhos começa em cada sala de aula. “Saber é saborear” (Rubem Alves, 1981).

Além disso, o professor deve educar pelo exemplo. Tendo-se consciência de que representamos um modelo aos nossos alunos, adquirimos uma postura diferente dentro da escola e fora dela. Ser professor é bem mais que transmitir conteúdos, é ajudar a formar e transformar o futuro de muitos. Somos um dos maiores representantes do que significaria a moral e a ética para as crianças e adolescentes. A transformação em sala de aula requer esforços de ambas as partes: professores e alunos. De acordo com Freire (1997, p. 38):

Como posso continuar falando em meu respeito ao educando se o testemunho que a ele dou é o da irresponsabilidade, o de quem não cumpre o seu dever, o de quem não se prepara ou se organiza para a sua prática, o de quem não luta por seus direitos e não protesta contra as injustiças?

É muito importante uma discussão entre os educadores que vise o didático, mas também a humanização do educando, com atenção na individualidade de cada um e na adaptação de conteúdos e dinâmicas para a realidade da sala de aula. Para finalizar esse ponto, daremos um grande exemplo ocorrido em sala de aula que as professoras pibidianas vivenciaram. Uma de nós percebeu que estava ocorrendo uma espécie de *bullying* dentro da sala e que não poderia ficar de olhos fechados para o que ocorria. Na nossa expe-

OLIVEIRA, Maria Jady, CARVALHO, Vitória Lemos de e TENÓRIO, Rosa Maria Farias. Afetar e sensibilizar: uma proposta da transversalidade na educação. MIMESIS, Bauru, v. 41, n. 1, p. 65-78, 2020.

OLIVEIRA, Maria Jady,
CARVALHO, Vitória
Lemos de e TENÓRIO,
Rosa Maria Farias. Afetar e
sensibilizar: uma proposta
da transversalidade na
educação. MIMESIS,
Bauru, v. 41, n. 1,
p. 65-78, 2020.

riência no PIBID, trabalhamos com a turma de sétimo e posteriormente oitavo ano da escola João de Assis Moreno, na cidade de São João, em Pernambuco, sob a supervisão da Professora Rosa e da professora Dejacira, com base na nossa linha temática de projeto do História e Direitos Humanos: memória, condição feminina e resistência. Pudemos desenvolver várias reflexões a respeito dos direitos humanos e outras temáticas relacionadas à mulher na história. Diante do tema proposto e da situação vivenciada, tomamos a iniciativa de analisar como poderíamos sensibilizar/afetar os nossos alunos. Como mudar o que ocorria e conscientizar a sala para que isso não mais acontecesse? Pensamos em uma dinâmica diferente envolvendo a realidade dos alunos. Foi pedido para que cada estudante escrevesse no papel algum tipo de adjetivo negativo do qual já haviam sido chamados ou ouvido em relação aos colegas. Recolhemos os papéis e redistribuímos para cada um de maneira aleatória. Neste momento, pedimos para que as crianças lessem os adjetivos para o colega ao lado – estávamos em círculo –, tudo ocorreu de forma aleatória. O mais interessante é que todos conseguiram sentir o significado da palavra empatia de forma muito mais intensa do que explicada por meio de um quadro negro ou um livro. Eles ficaram pensativos e conseguiram entender o que estava ocorrendo ao redor. Encarar o *bullying* foi essencial para gerar um impacto nos estudantes. Depois discutimos sobre o tema de forma mais didática e perguntamos o que sentiram a respeito da dinâmica e o que poderia ser mudado. Existem muitas situações difíceis que vivenciamos no nosso dia a dia em sala de aula, mas a pergunta é: como vamos mudar isso? Acreditamos e nos certificamos que podemos modificar a realidade educacional através da sensibilização e compreensão da realidade dos alunos.

Essa foi uma das nossas experiências dentre tantas outras. Tivemos, por exemplo, uma palestra com coordenadora da secretária da mulher, na qual pudemos refletir sobre a importância de tratar sobre violência contra a mulher e como isso era recorrente na região, portanto fizemos um momento de conscientização a respeito dos tipos de violência, que variam, desde a psicológica à física, e o comportamento de cada um diante delas, sejam familiares, de amizades ou namoros,. Os alunos puderam perceber que a violência se manifesta discretamente, mas que toma proporções absurdas se não for identificada.

Fizemos uma oficina sobre a mulher negra na história e os alunos puderam se dividir em grupos de acordo com suas aptidões. Tivemos o grupo de arte, poesia, pesquisa bibliográfica e o grupo de fotografia. Todos pesquisaram sobre mulheres negras que fizeram

história e tivemos os mais variados resultados, desde Dandara até Gloria Maria e houve alguns que fizeram desenhos e um dos alunos trouxe um quadro pintado por ele mesmo. A professora Dejacira realizou um desfile sobre a beleza da mulher negra na qual muitas meninas puderam desfilarem com roupas que elas mesmas confeccionaram e foi um momento lindo. Percebemos a importância de incentivar os talentos e observar as aptidões dos alunos em suas mais variadas personalidades e estilos. Assim, destacamos o quanto é relevante a escola despertar nos alunos o que eles tem de melhor e fazê-los perceber que podem ser agentes participantes na construção de sua educação.

O DESAFIO DA TRANSVERSALIDADE NA EDUCAÇÃO E NO ENSINO DE HISTÓRIA

Vivemos em uma sociedade que muitas vezes vê a escola como uma obrigação. Na visão de muitos estudantes, ir para escola é apenas uma obrigação curricular para que eles possam, algum dia, conseguir um emprego com carteira assinada e direitos trabalhistas. Nossos jovens e adolescentes têm perdido o interesse pelo conhecimento e pelo saber que a escola pode proporcionar, consequentemente observamos a grande desvalorização do professor no mercado de trabalho, este que tanto se empenha em sua formação acadêmica não acha lugar na sociedade. O que levou os jovens a perder o “gosto” pelos estudos? Diante desta questão analisamos que muitas vezes o problema está na forma de abordar os conteúdos em sala de aula, a forma que o professor trabalha em sala faz uma grande diferença na aprendizagem e na vida do aluno. Temos, muitas vezes, visto um ensino autoritário e egocêntrico que visa apenas a transmissão de conteúdo monótono e pragmático e por essa razão, a escola vem perdendo seu papel de formar indivíduos pensantes em nossa sociedade. Mas, o que podemos fazer para tentar mudar essa drástica realidade? A sensibilidade falada anteriormente representou uma resposta, mas para além dela, temos como possibilidade de ferramenta a transversalidade. De acordo com Freitas Neto (2003, p. 59): “A transversalidade apresenta uma proposta que ultrapassa a fragmentação dos conteúdos e disciplinas, prevendo um trabalho cujo conhecimento seja construído em função dos temas e propostas apresentados”.

Podemos apreender que a partir da transversalidade podemos vencer desafios e tornar a aula mais dinâmica, interessante e participativa para que os alunos possam sentir maior interesse em aprender

OLIVEIRA, Maria Jady, CARVALHO, Vitória Lemos de e TENÓRIO, Rosa Maria Farias. Afetar e sensibilizar: uma proposta da transversalidade na educação. MIMESIS, Bauru, v. 41, n. 1, p. 65-78, 2020.

OLIVEIRA, Maria Jady,
CARVALHO, Vitória
Lemos de e TENÓRIO,
Rosa Maria Farias. Afetar e
sensibilizar: uma proposta
da transversalidade na
educação. MIMESIS,
Bauru, v. 41, n. 1,
p. 65-78, 2020.

os conteúdos apresentados, sem que estes pareçam não afetar em nada em suas vidas. Os conteúdos DEVEM afetar os alunos. Este deve ser o objetivo do novo educador. A transversalidade vem com a possibilidade de traçarmos diferentes elementos como construtores do ensino-aprendizagem. A aula se torna muito mais interessante quando saímos do livro didático e buscamos diferentes exemplos que fundamentam nossa teoria, exemplos do cotidiano de nossos alunos, das realidades que estão habituados e que por vezes passam despercebidas, mas que podem fundamentar uma aula e a torná-la muito mais dinâmica e interativa.

É necessário deter-se às questões trazidas pelos alunos pois, segundo Freitas Neto (2003, p. 65),

Não permitir que os temas do cotidiano se façam presentes em sala de aula em detrimento dos grandes feitos do passado é ignorar a angústia dos alunos e educar com o olho voltado para trás, com um saudosismo injustificável que significa dizer que as questões de outras gerações foram mais importantes que as da atualidade.

O aluno, quando se sente construtor de sua própria história, possa a ter uma visão mais abrangente dos fatos e acontecimentos que circundam suas realidades sociais. A História não é apenas o passado. O trabalho é fazermos com que os alunos se sintam agentes da história e cidadãos ativos nos acontecimentos políticos, sociais e filosóficos. O pensamento crítico deve ser urgentemente instigado. Nosso pensar está de acordo com Freire (1997, p. 14):

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se aproximar dos objetos cognoscíveis. É nesse sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, curiosos, humildes e persistentes.

É missão do professor estar atento às realidades atuais e provocar o pensar crítico em sala de aula, dessa forma a transversalidade nos abre uma porta de saída da monotonia “*conteudista*” para a liberdade de interação entre professor e aluno. De acordo com Freitas Neto (2003, p. 62): “o professor deve aproximar seus conteúdos e

sua prática escolar para o desenvolvimento da capacidade de o aluno ler e interpretar a realidade, contextualizando-a, aprendendo a aprender.” Com o trabalho transversal, utilizando os assuntos didáticos com uma visão voltada para a realidade particular e social de cada aluno, o professor consegue obter melhores resultados no desempenho acadêmico, pois essa proposta abrange de forma mais diretamente a afetividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na educação atual, a necessidade de afetar e sensibilizar são tão atuais e constantes que nós não podemos evitar esse debate, por isso, este artigo abordou esses temas com o propósito de refletirmos sobre a realidade à qual somos submetidos e transformá-la por meio da educação consciente. Para muitos educadores, parece estar omitida a necessidade de uma transformação na sala de aula, pela sobrecarga de trabalho, ou mesmo pela acomodação, que os fazem a se deterem apenas na transferência de conhecimento didático, deixando de lado os questionamentos sociais e a humanidade que deve ser dada ao processo. A missão do professor é bem mais que transmitir conhecimento. O seu papel é também o de formar seres pensantes e afetados pelas realidades sociais em que estão inseridos. Para que sejam construtores de um futuro melhor. Como professores, precisamos ser seres impregnados de sensibilidade e afetividade para com o próximo, pois só assim poderemos mudar a forma das crianças pensarem, compreenderem e atuarem na vida. Esta é a proposta da transversalidade na educação: ser capaz de mudar a vida dos nossos educandos para que eles possam modificar o futuro de nossa sociedade, para que possam também ter o desejo de lutar pelas causas sociais em que estão inseridos e construir seu próprio futuro. A transversalidade e a educação voltada para a afetividade e sensibilidade são propostas ousadas, mas necessárias para resultados surpreendentes na educação.

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos às Professoras Dejacira de Araujo Bezerra e Rosa Maria Farias Tenório, por toda dedicação e empenho em nos acompanhar durante nossa experiência no projeto do PIBID,

OLIVEIRA, Maria Jady,
CARVALHO, Vitória
Lemos de e TENÓRIO,
Rosa Maria Farias. Afetar e
sensibilizar: uma proposta
da transversalidade na
educação. MIMESIS,
Bauru, v. 41, n. 1,
p. 65-78, 2020.

dentro e fora da sala de aula; à Escola João de Assis Moreno, por receber as alunas pibidianas durante o projeto; ao Professor Ricardo José Lima Bezerra, pelo apoio e parceria nos eventos de Residência e PIBID; à Professora Lourdes M. G. Conde Feitosa, pelo apoio, correção e incentivo para a publicação do presente artigo. Também agradecemos o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sem o qual este projeto não teria se desenvolvido.

REFERÊNCIA

- ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1981.
- ALVES, Rubem. Só aprende quem tem fome. **Nova Escola**, São Paulo, N°.152, p, 45-7 maio/2002.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.
- LAPLANTINE, François. TRINDADE, Liana S. **O que é imaginário**. 1 reimpressão da 1 edição de 1996. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2003. Coleção Primeiros Passos, n° 309.
- MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira. Afetar e sensibilizar na educação: uma proposta transdisciplinar. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 17, n. 32, p. 163-181, jan./abr. 2011.
- MARX-ENGELS. **A ideologia alemã**. 7 ed. São Paulo, Hucitec, 1989, p.35-39.
- FREITAS NETO, José Alves de. A transversalidade e a renovação do ensino de história. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2003.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito de transformação**. São Paulo: Libertad, 2001.
- WALLOW, H. **As Origens do Caráter na Criança**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971
- OLIVEIRA, Maria Jady, CARVALHO, Vitória Lemos de e TENÓRIO, Rosa Maria Farias. Afetar e sensibilizar: uma proposta da transversalidade na educação. **MIMESIS**, Bauru, v. 41, n. 1, p. 65-78, 2020.